

GÊNEROS TEXTUAIS E DISCURSIVOS A SERVIÇO DO LETRAMENTO CRÍTICO RACIAL NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Adriana Cristina Trajano Marinho¹
Francisca Altamara da Silva²

RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma análise da abordagem do letramento racial crítico existente nos gêneros textuais/discursivos que são utilizados no livro didático de Língua Portuguesa. O principal objetivo é discutir como se dá a inclusão da temática crítica racial nos quatro volumes da coleção, observando como a representação do negro é feita e se atende as orientações da Lei 10.639/03. A pesquisa é qualitativa e os resultados dados serão obtidos através da revisão bibliográfica e da análise da coleção *Se Liga na Língua Leitura, Produção e Linguagem* dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi aprovada pelo MEC no PNLD/2018. Quanto aos gêneros presentes no livro é evidenciando a sua função social, aspecto que, se ensinado, pode ajudar os estudantes a entenderem que determinados tipos de relações sociais e identidades são constituintes das formas de ideologia, como também pode os ajuda a entenderem os seus papéis sociais e de sua realidade. Embasaram este estudo a perspectiva teórica do letramento racial crítico e da educação antirracista de Ferreira (2015), Munanga (2005) e Soares (2019). Os dispositivos legais que promovem ações afirmativas como as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2010), a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) e a 11.645/08 (BRASIL, 2008). A pesquisa apontou que o livro didático traz uma abordagem de ensino voltada para o letramento crítico racial ao propor uma reflexão sobre temas antirracista que fazem parte da realidade dos estudantes, por meio de gêneros discursivos/textuais e multimodais. Ademais, aborda e representa o negro em suas divisões temáticas e em cada unidade, por meio dos gêneros que possibilitam a aproximação da noção de igualdade quanto aos direitos, à dignidade e que embasam a valorização da diversidade étnico-racial no Brasil.

Palavras-chave: Livro Didático de Língua Portuguesa, PNLD/2018, Diversidade étnico-racial, Lei 10.639/03

¹ Mestranda do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, adrianacristinatrajanomarinho@gmail.com

² Mestranda do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, letrasnara@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como foco principal de análise a abordagem do letramento racial crítico existente nos gêneros textuais/discursivos que são utilizados na coleção *Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem* dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2018) da Editora Moderna, Ensino Fundamental II, aprovado pelo PNLD para o triênio 2020/2021/2022 e que atualmente, é adotado em escolas públicas brasileiras.

A escolha da temática se deu devido à proposta apresentada na disciplina Gêneros Textuais e Ensino, no programa de Pós-graduação, PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba–UEPB-Guarabira, na linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino, desenvolvida no segundo semestre letivo de 2022.

Tal incursão caracterizou-se, como qualitativo-interpretativista. Nesse tipo de pesquisa, a realidade do professor pesquisador não se dissocia do seu *locus* e das identidades envolvidas na esfera educacional. Assim, o pesquisador não tem como se tornar neutro, uma vez que os fatos a serem pesquisados são indissociáveis da sua figura (MOITA LOPES, 1998), sendo ele parte integrante do processo de construção do conhecimento, interpretando os fenômenos e atribuindo-lhes significados.

Assumimos nesta pesquisa, a perspectiva sociointeracionista segundo Bakhtin (1981), a de letramentos com Street (2014), os estudos do letramento racial crítico e da educação antirracista de Munanga (2005), Ferreira (2015), Soares (2019) dentre outros. Desta forma, articularemos assim, às relações que se dão no LDP mediante as orientações da BNCC(2018), aos dispositivos legais que promovem ações afirmativas como as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2010), a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) e a 11.645/08 (BRASIL, 2008).

2. APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO EM ANÁLISE

Os autores da coleção *Se Liga Na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem* dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2018), devidamente avaliada e aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Temos em sua autoria, Wilton Ormundo que é Mestre em Letras- Literatura Brasileira, e Cristiane

Siniscalchi, Mestra em Letras na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, ambos pela Universidade de São Paulo são autores de livros didáticos e paradidáticos.

O livro analisado segue como princípios teóricos nos quais apresentam atividades que dialogam com uma perspectiva sociointeracionista e reflexiva segundo Bakhtin (1953-1954). Pautado nas orientações da BNCC (2017) e da visão de língua e linguagem como espaços de construção de sentidos, no jogo de interação entre sujeitos, conforme os eixos nas práticas de linguagens:

Leitura “considerada um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem em todo o momento com o que vem da página para chegar à compreensão” (KLEIMAN 1989, p. 17);
Produção textual no qual “o estudo do texto não pode se afastar das práticas de leitura e de análise linguística/semiótica; (BNCC 2017);
Oralidade que está integrado aos eixos Leitura e Produção de textos, explorados anteriormente, e também ao da análise linguística/semiótica; A partir de uma visão plena da heterogeneidade da língua completando a aquisição dos procedimentos cognitivos necessários ao leitor/ produtor de textos; (MARCUSCHI, 2002)
Análise linguística/semiótica quando o uso da linguagem abrange a exploração dos gêneros textuais desde a historicidade da língua e da linguagem em si, os aspectos do contexto de produção dos enunciados em leitura/escuta e produção de textos orais e escritos. (ROJO, 2006).

Consequentemente, a proposta articulada a esses eixos das práticas de linguagens, apresentam o trabalho com o gênero:

“Como elemento organizador de cada capítulo, sempre orientado às práticas de linguagem, o que permite o planejamento de ações e a seleção de determinados textos como objetos de ensino, considerando os campos de atuação a que se vinculam. Isso não significa que o gênero se torna um mero conteúdo a ser ensinado; ele é elemento organizativo do trabalho docente, segundo uma noção de espiral, ou seja, acrescentam-se gradativamente, a partir do contato com cada novo gênero proposto, outras formas de explorar a leitura e a produção textual”. (ORMUNDO, W.; SINISCACHI, C. 2018).

O manual do professor em “U” se insere a cada proposta nas unidades de toda a coleção, no qual as orientações metodológicas surgem de maneira pontual ou gradativa como orientações, sugestões de abordagens e de condução das atividades trazendo os gêneros abordados no projeto da didático.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

Pensar nas práticas sociais de leitura e de escrita é pensar em letramento, ou letramentos no plural, como bem nos mostra Street (2014) ao associar os usos sociais da leitura e da escrita ao contexto sócio-histórico-cultural de determinadas sociedades.

Advém da validade de tais teorias, as pesquisas de investigação sobre os letramentos escolares que desafiam pesquisadores e professores quanto ao processo ensino aprendizagem no ensino básico brasileiro. A recepção desse entendimento nas escolas e principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, nos remete ao conceito de letramento no qual ele é definido como:

O estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação- os eventos de letramento.” Soares (2007, p.145)

Nesse sentido, esses eventos de letramento, na escola e aqui tomados como práticas sociais que vão além dos muros dessa instituição é atravessada pelos aspectos históricos, sociais e culturais em suas vivências. Processo, esse no qual Street(2014) sugere pesquisas que privilegiem os letramentos como práticas sociais plurais, múltiplas e heterogêneas que variem com o contexto sociocultural e que não estejam restritas, apenas à escola. Nessa perspectiva nos orienta, a primeira professora pesquisadora no Brasil sobre letramento racial crítico, Maria Aparecida Ferreira de Jesus:

Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racimo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais. (FERREIRA, 2015, p. 138)

Temos, então a urgência em nossos bancos escolares de práticas pedagógicas que viabilizem essas experiências, vivenciadas e que afirmem identidades múltiplas diante da reflexão em sua multiplicidade étnica e racial do povo brasileiro. Na mesma esteira teórica Kleiman (1995) e Rojo (2010) denunciam que, com a universalização recente da Educação Básica no Brasil e a chega de novos grupos que não acessavam à escola, a predominância da forma escritural e de certos letramentos acabam por gerar conflitos de ordem cultural e linguística.

3.2 LIVRO DIDÁTICO E O LETRAMENTO CRÍTICO RACIAL

Os livros didáticos no Brasil apresentaram o negro por muito tempo de forma estereotipada, pejorativa e a ancestralidade de forma depreciativa, fazendo com que as crianças e os adolescentes negassem sua identidade em relação a sua própria etnia, ao seu passado e a sua existência. Todavia em sentido oposto a essa negação surge a Lei

10.639/2003 (BRASIL, 2003), que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afrobrasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas de Educação Básica.

Esse dispositivo legal, seguido de diretrizes e resoluções curriculares foram oriundos da luta antirracista que promoveu e promove a diversidade cultural no Brasil. Tornaram-se pontos centrais no processo de implementação de políticas de ações afirmativas na educação brasileira nos seus diferentes níveis, etapas e modalidades educacionais Gomes; Jesus (2013).

E tomando como base especificamente o ensino público, concordamos com Silva (2005) que o livro didático é a única fonte de consulta disponível na escola para o professor e principalmente para os alunos. Entendemos que a partir desse contexto, implica afirmar que é de fundamental importância que a escola, através desse recurso didático, busque estimular a construção de uma imagem positiva do negro na consciência do aluno, e da sociedade na qual está inserido.

Os alunos em sala de aula estão propensos a absorver conceitos, observar valores e diante das representações sociais sobre a diversidade, podem construir suas identidades. O que se ensina para eles poderá ser levado para o resto de suas vidas, sejam elas de forma positiva e/ou negativa.

Portanto, “para aprender o ponto de vista dos negros brasileiros é preciso estar disposto a vislumbrar o que sua memória guarda” Gonçalves e Silva (2005, p. 169), por isso, “o Brasil precisa de professores dispostos a fazer a revolução das pedagogias” (LOPES, 2005, p. 200). O diálogo está aberto e passa pela construção de uma sociedade em que todos nós queremos viver e, sistematicamente, essa construção está em grande medida nas mãos do professor em suas ações e que saibam usar os livros didáticos com autônomo e bom senso, conduzindo o aluno a efetivação de uma verdadeira cidadania.

3.3 GÊNERO DISCURSIVO/TEXTUAL A SERVIÇO DO LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

É corrente a reclamação entre os professores de Língua Portuguesa diante do “exagero” quanto a quantidade e a diversidade dos gêneros textuais/discursivos que há nos projetos de livros didáticos ofertados por editoras. Tais dificuldades, ainda enfrentadas pelos professores é vista por Lopes-Rossi, (2011, p.79) que sugere a necessidade de mudanças das práticas pedagógicas adotadas quanto a produção de textos no LDP. Na corrente oposta, temos os que, assim como Bezerra (2010) consideram que o ensino de Língua Portuguesa deve privilegiar os textos e gêneros em suas diversidades.

Despertemos nessa interlocução muitas vezes conflituosa, que se faz tensa para se privilegiar os gêneros em sua diversidade em sala de aula. Quando os pesquisadores propõem diversidade, não estão propondo aqui apenas quantidade, mas que se situem em práticas de letramentos relativos aos vários contextos sociais como já referendado nessa pesquisa por Street (2014) e ampliando, como será o foco de análise desse artigo no contexto do letramento crítico racial no LDP. Situar essa diversidade de maneira equilibrada e consciente, provavelmente pode fazer com que o professor fuja de modismos e de engessamentos ideológicos provenientes muitas vezes de orientações equivocadas. Tal ideia nos faz refletir quanto a importância de atentarmos a recepção significativa do gênero discursivo/textual em sala de aula:

Nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado se não estabelecesse uma interconexão essencial entre o conteúdo e seu tom emocional evolutivo, isto é, seu valor realmente afirmado para aquele que pensa. O experimentar ativo de uma experiência, o pensar ativo de um pensamento, significa não estar de modo algum indiferente a ele, significa afirmá-lo de maneira evolutiva (BAKHTIN, 1992 apud TEZZA, 2003, p.203)

As interferências quanto à escolha, à quantidade, à qualidade e posicionamentos étnicos, críticos e de posicionamentos antirracistas devem estar no centro das ações didáticas do professor comprometido com um mundo melhor. Assim, o letramento crítico racial nos chama a realidade vivenciada em nossas salas e que muitas vezes teimamos em não querer ver.

Aprender algo, ter disposição e querer assim se envolver em projetos de escrita dos gêneros requer de quem planeja a ação didática e de quem aprende um envolvimento ético e humano. Nesse cenário, não podemos deixar de considerar que tanto na constituição do livro didático, como na escolha dos gêneros em cada projeto didático, existe a interferência direta das relações de poder e de ideologia. Assim, o conceito de gênero com base nos estudos bakhtinianos e nas teorias críticas étnicas raciais são importantes pressuposto teórico voltados para a formação do cidadão na escola.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Como estratégia de análise procuramos fazer um recorte, selecionando algumas atividades que consideramos representativas em cada volume, já que seria impossível para o contexto proposto pela metodologia deste estudo, quantificar todos os gêneros

textuais/discursivos usados pelos autores na coleção. Assim, o foco será no posicionamento didático dado aos gêneros textuais/discursivos que tocam de alguma forma no letramento crítico racial segundo Ferreira (2005). Apontamos, também as possíveis lacunas entre o que afirma a fundamentação teórica quando se propõe a desenvolver um projeto didático crítico e o que realmente a unidade apresenta, com base no que preconiza uma prática problematizadora antirracista.

Primeiro fato a ser observado é que em nenhum momento, seja no manual do professor, seja nas resenhas externas do PNL (2018), há considerações sobre o trabalho com o letramento crítico racial. No entanto, compreendemos a existência de uma grande diversidade de teorias críticas na Linguística Aplicada e em outras áreas do conhecimento que dão suporte a obra em análise e que foram consideradas, nesta análise como práticas problematizadoras antirracistas nas atividades dessa coleção.

Seguindo nesse percurso e antes de adentrar as páginas do LDP, com o intuito de comparar o que se propõe e o que é efetivamente visto no manual do aluno, procuramos identificar a noção de criticidade e de práticas antirracistas que por ventura iriam ser propostas para a sala de aula. Temos, então em um breve rastreamento, o uso da palavra “*crítica*” no manual do professor e suas variações em contextos teóricos diversos.

Nestas práticas de leitura que atendem o que preconiza Street (2014), Ferreira (2005) entre outros, os autores em sua proposta didática para o 6º ano, capítulo 1 trabalham o diário e entrevista antecedidos por uma diversidade de outros gêneros. Atende a habilidade: EF69LP45, dentre outras conforme a sequência proposta segundo a BNCC (2017). O capítulo em que eles estão inseridos tratam das relações humanas, trazendo conflitos cotidianos, solidariedade e a busca de uma identidade com questões de empoderamento de uma menina negra, lutando contra preconceitos e em processo de afirmação identitária. Nesse sentido, a reflexão estimulada pelos gêneros objetiva a valorização de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza.

Figura 01: Gênero Diário

The figure consists of two screenshots of a blog, annotated with handwritten notes in pink and red. The left screenshot shows a post titled "BEDA #02: Um ano sem usar mais química no cabelo" dated 02 abr 4, 2017. The post features a photo of a woman with a floral headband and text about her hair journey. Annotations include: 3. "Observe o título da postagem. Como o símbolo # deve ser lido e para que é usado?" and 4. "Você gostaria de seguir algum blog? Se sim, apresente seus blogs preferidos aos colegas e ao professor." The right screenshot shows the blog's home page with the title "A escrita íntima no blog" and a post titled "Meu lado JUBUBA". Annotations include: 1. "Você acha que há alguma diferença entre esta parte do blog e o diário de Zilda que foi publicado? Por quê?" and 2. "Que semelhanças e que diferenças você nota entre o texto de Zilda e esse blog?"

Vale ressaltar, a forma brilhante em que os autores usam o Letramento Racial Crítico, embora não se refiram literalmente em suas orientações. Não tratam apenas, da identidade negra sem estereótipos de maneira marcada, mas também da identidade branca, conforme afirma Ferreira (2015). Desta forma, demonstram as experiências que são muitas vezes conflituosas de transições, mas com uma abordagem positiva de seres humanos na sociedade e na sala de aula.

Entendemos, por outro lado que um dos pontos frágeis desta coleção, é a questão da análise linguística/semiótica, em muitos momentos o gênero textual/discursivo é tomado como pretexto, sim, para as atividades gramaticais e em alguns momentos temos um tom, um retorno a atividades estruturalistas. Todavia os autores já avisam no manual que haverá sim esses momentos “o que não significa que não existam momentos de sistematização, necessários ao ensino-aprendizado de uma língua”. (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2018, p. IV). Portanto muito se tem a caminhar, a ser investigado em sala de aula sobre esse eixo e sua relação com os outros para que se tenha uma melhor condução quanto ao ensino aprendizagem da leitura e da escrita por meio dos gêneros e ainda mais que ocorra o letramento crítico social adequado em nossas salas de aula.

É possível observar no livro do 7º ano, capítulo 2 que é exposto o gênero entrevista com o auxílio de um material áudio visual, com a temática do bullying relacionado ao preconceito racial e socioeconômico sofrido por uma garota negra em uma escola particular que é o assunto central da entrevista realizada por Serginho Groisman com uma moça em sua plateia. Atende as habilidades: EF69LP01, EF69LP30, EF69LP44, dentre outras conforme a sequência proposta segundo a BNCC (2017). No final é proposto o gênero debate em grupo para relatar situações vivenciadas que promoveram a prática de bullying.

Figura 02: Figura de referência para trabalhar o gênero entrevista e o poema de Conceição Evaristo que trata da temática bullying proposta na unidade.



Fonte: (ORMUNDO E SINISCALCHI, 7º ano, 2018, p.61 e 66)

Interligado a reflexão que a entrevista trouxe, são usadas imagens com pessoas brancas e não brancas sem a intenção de privilegiar ou marcar o ser humano pela cor da pele. Segue pela leitura do poema *Vozes Mulheres* da autora Conceição Evaristo ampliando o letramento literário e ético racial. Percorrem, ainda mais a discussão sobre o tema bullying por vários tempos históricos sugerido a interdisciplinaridade, o aprofundamento da questão das consequências da escravidão no Brasil e o surgimento da questão da discriminação social, atendendo, assim as habilidades EF08HI20 (BNCC, 2018) que propõe a identificação dos legados da escravidão no Brasil e a discussão da importância de ações afirmativas.

Seguem com o projeto didático no livro do 8º ano com o gênero Rap, capítulo 2: “*O grito da periferia*”, atende, assim as habilidades: EF69LP44, EF69LP54, EF69LP55, EF69LP56, EF89LP32, dentre outras conforme a sequência proposta, segundo a (BNCC, 2017). Quanto a produção dos gêneros os autores propõem que “ao analisar criticamente, com o devido distanciamento, um texto que não é dele, o aluno também aprenderá a se autoavaliar” (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2018, p.XIII).

Figura 03: Rap- Juntos e misturados de MV Bill, rapper, ator e ativista social nascido no Rio de Janeiro (RJ)

CAPÍTULO 2
RAP: o grito da periferia

Você sabe o que é um rap? O rap é um dos gêneros textuais poéticos, além de ser um tipo de música. Assim como as cartilhas medievais eram poemas feitos para serem cantados e incorporados por instrumentos musicais, também o rap é formado de versos e associado à música.

Letra 1
Juntos e misturados

1 Tem muita música pra quem pensa que acabou
2 Tanto juntos e misturados, a força multiplicou
3 Criação feita com emoção, tá aqui
4 No lado de dentro da qualidade do EMENTE
5 Eu, Kellin, não preciso entrar na fila
6 Tem muita que não assusta
7 Não furo pra não, tenho mais
8 Como objetivo, o rap é meu incentivo
9 Não sendo homenagem a quem tem o pupo sagrado
10 É só pra não
11 O meu compromisso, escapar o que é mais e não sair no prejuízo
12 Faço da minha fé meu combustível
13 É se que quem não gosta a cara fica intencional
14 Inocente, que nível
15 Não misto mais do da corrente
16 Que pra aparecer não mostra o corpo, usa a mente
17 Próprio a par, sei que sou capaz de superar
18 O conteúdo analítico que atravessa minha caminhada,
19 Falso MC sempre dá nada
20 Cereja e olho no que é "dão ostent" e se atropalha
21 Cai na malha e vive só um protagonista
22 Enxergo em minha visão o meu desespero
23 Não sou ninguém, só ligo
24 Tenho fidelidade em minha família, sem estragar
25 Por isso tanto junto
26 Se que mais a vez para completar, vou aconselhar
27 Melhor mudar de assunto

Tanto junto
O bode tá formado, eu sou o elo da corrente que é ruim de quebrar
Tanto junto
Se quer substituir, fique por aí, se não tiver a fim de sonar
Tanto junto e misturado
É lado a lado
É lado a lado
Tanto junto e misturado
É lado a lado
Tanto junto e misturado
Rima rara, rima rima
Ao som do atabaque batalhei e aguardo na disciplina
O tempo vem, mostra quem é quem
Se tiver na malhada não vai ter espaço no meu trem
Da vida tranquila sou amante
Porém não quero esmola, quero ouro e diamante
Adriano
o sonho não morre, quem for fiel fica junto, quanto mais for quando o bicho pega corre
E só falando, criticando, roçando, me odando, comendo,
em outros tempos me abraçando
Se que hoje nosso bode formado desta região do bodeado
É lado a lado
Não sou teleguiado, multiplico no conjunto
Assa governo e guerraria que lutaram "Tanto junto"
É fácil o papo, difícil é criar
Se for falso é como água e óleo, não consegue misturar

Tanto junto
O bode tá formado em sou o elo da corrente que é ruim de quebrar
Tanto junto
Se quer substituir, fique por aí, se não tiver a fim de sonar
Tanto junto e misturado
É lado a lado
Tanto junto e misturado
É lado a lado
Tanto junto e misturado
É lado a lado
Tanto junto e misturado

Me passa o microfone, no vocal DJ Tony
Mistura arma, ledalada, toca disco e funkphone
Quem não tá puro fica fora
É só água
Vieta a quem fez a sua hora
Foi tranquilo quando entrei com meus amigos
Muito muita satisfação usando meus amigos
Sem comédia, estilo original
Respeito a quem merece e procede na mental
É só água
Vai ficar de fora se tiver mundado
Por isso o portão vai tá sempre fechado
Vida longa a quem não ficou grande
Conte comigo sem recuar, tô no meio e tá misturado

Tanto junto
O bode tá formado em sou o elo da corrente que é ruim de quebrar
Tanto junto
Se quer substituir, fique por aí, se não tiver a fim de sonar
Tanto junto e misturado
É lado a lado
Tanto junto e misturado
É lado a lado
Tanto junto e misturado
É lado a lado
Tanto junto e misturado

MV Bill - Juntos e misturados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=80j1p9m8m0k>. Acesso em: 28 Jun. 2018.

Caixa
O rap faz parte da cultura do Brasil, que chegou ao Brasil no final dos anos 1970. Outros manifestações artísticas desta cultura são o funk, o hip-hop, o break, o graffiti, como são alguns.

Fonte: (ORMUNDO E SINISCALCHI, 8º ano- 2018, p.58 a 60)

Confirmam, desta forma, o que propõem, sugerindo que o professor reproduza o rap como para que os alunos conheçam seu ritmo e observem a alternância de vozes, com destaque para a declamação ritmada e a mais melódica. Temos um trabalho didático no eixo da oralidade articulado com a leitura, escrita, produção textual e análise linguística/semiótica, com o objetivo de ressaltar que esse ritmo musical é tido como o “som dos excluídos”, com predominância nas letras dos problemas sociais da comunidade em que os autores / cantores vivem.

E por fim e não menos importante para essa análise, o livro do 9º ano em si, já estabelece uma relação de continuidade com os anos anteriores, partindo do pressuposto de que o aluno evoluiu com relação aos eixos da língua portuguesa em sua totalidade. As unidades temáticas apropriaram-se mais do uso de multisemiótico das imagens que remetem a questão do letramento étnico crítico e racial com os gêneros discursivos/textuais propostos. Ademais, a temática é mais explorada quando mostra a biografia de personalidades afrodescendentes brasileiras, neste volume.

Figura 04: Abertura do capítulo 4, 9º ano: “O registro escrito da vida”



Fonte: (ORMUNDO E SINISCALCHI, 9º ano-2018, p.116 e 142)

Como se vê, além de questões interpretativas, há o estudo do vocabulário de algumas palavras do texto fazendo um elo com outras biografias de personalidades e traz como desafio de produção o gênero estudado. Atende, desta maneira as habilidades: EF09LP04, EF69LP15, EF89LP05, EF89LP24, EF89LP32, EF89LP33, dentre outras, conforme a sequência proposta da unidade, segundo a orientação da BNCC (2017).

A temática antirracista, a valorização da autoria negra com a valorização identitária brasileira por meio do o gênero biografia continua a ser explorado com as seis

personalidades afrodescendentes brasileiras que se destacaram em diferentes áreas, das quais algumas são contemporâneas, e outras já não estão mais entre nós, mas se tornaram ícones da representatividade positiva do negro no Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados 20 anos da implementação da lei 10.639/03 e dos dispositivos legais que dão uma nova configuração as ações afirmativas étnicas raciais articuladas aos currículos escolares e a avaliação do LD que se faz desde o ano de 1996 no Brasil, observamos avanços e recuos quanto ao Letramento Racial Crítico.

Encontramos pela ótica o Letramento crítico racial na coleção *Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem* dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2018), reflexões sobre raça, racismo e identidades sociais via o uso dos gêneros discursivos/textuais que são utilizados na obra.

As construções sociais foram feitas esquecendo que todas as pessoas são racializadas e que ainda surgem com suas representações hegemônicas brancas nos manuais escolares. Confirmamos durante a análise que toda atividade discursiva se dá por meio de textos e que todo texto pertence a um gênero, desta forma quanto mais gêneros os alunos reconhecem e dominam mais exercerão as práticas de leitura e escrita de forma consciente e livre de amarras ideológicas.

O projeto didático conduz as propostas com os gêneros discursivos/textuais em um período de transição, ainda em 2017, momento de transição e de reformulações da BNCC(2018), mas que, como dito durante as reflexões analíticas, entregam muito mais do que prometem. Não usam o termo Letramento crítico racial, mas procuram suporte teórico em autores que refletem políticas antirracistas e humanas em dias turbulentos.

Em suma, chegamos por essa reflexão, não a uma conclusão, pois sabemos que a feitura de um livro didático vai além, se antes de chegar as mãos dos alunos temos uma história com várias instâncias em sua construção, sentimos que após e em função de uso real em uma sala de aula a palavra nele habita pela voz de outros e por meio dos gêneros discursivos/textuais ganhará sempre um “*ad infinitum*” de ações, propostas e direcionamentos, estará sempre a mercê do olhar de um professor e que esse professor seja sempre o pesquisador dos discursos que circulam em sociedade.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Josefa Raquel Pereira; et al. **Racismo na Escola**: o livro didático em discussão. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade_1datahora_27. Acesso em: 03 Jan. 23.

BRASIL. (2003). **Lei N.º 10.639, de 09/01/2003**. Brasília: Diário Oficial da União, Poder Legislativo, 10/01/2003.

CARDOSO, Edson Lopes. **A mancha indelével da cor**: uma aproximação às questões raciais no Brasil. In: Ler o Brasil. Curso Suely Carneiro. 2022.

FERREIRA, A. de J. **Letramento Racial Crítico Através de Narrativas Autobiográficas**: Com atividades Reflexivas. Ponta Grossa, Pr: Editora Estúdio Texto, 2015.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. **As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003**: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. Educar em Revista, p. 19-33, 2013.

ORMUNDO, W.; SINISCACHI, C. **Se liga na língua**: leitura, produção e linguagem. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LOPES-ROSSI. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. In: Arci Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka, [et. Al]. Gêneros textuais reflexões e ensino. 4ª ed-São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. – 3. ed.; 5. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.